

<http://lipietz.net/20-anos-depois>

Combate, Abril 1994

20 anos depois

- Vie publique - Articles et débats -



Publication date: Abril de 1994

Creation date: 18 de Julho de 2012

Copyright © Alain Lipietz - Tous droits réservés

20 anos depois da Revolução de Abril... minhas recordações.

20 anos depois

alain lipietz
20 ANOS DEPOIS

Alain Lipietz foi um jovem economista francês que viveu nos anos 60 e 70 em Portugal. Hoje é investigador no CEPREMAP (Centro d'Estudes Populares d'Economicas Matematicas Aplicadas à la Planificacão) em Paris. A minha filha, estudante de história, escreveu-me há poucos dias sobre as minhas recordações de antigo leninista a propósito da Revolução de Outubro de 17. Ouvindo-me responder-lhe, apercebi-me que retirava todos os meus exemplos e contra-exemplos da Revolução dos Cravos. De facto, é a única revolução que verdadeiramente vivi. Da que me recordo, a seu propósito, é antes de tudo a que penso eu se autodenuncia, e como acontecimentos extraordinários de que falamos livremente de história, e que lhes chamamos Revolução.

Desconfiada, tinha, no entanto, abarcado a Revolução portuguesa pelo seu lado mais recuado: pelo norte, por Trás-os-Montes, o Douro, o Minho. Depois desci em direcção aos seus pontos fortes, para Lisboa, Setúbal, Évora. Tinha recordado tudo. A capacidade de iniciativa e de organização das massas. As divórcios nas massas. O desenvolvimento clássico da fase democrático-socialista até à radicalização dos confrontos agudizados pelas lutas sociais e pelas primeiras falhas manobras da esquerda-revolução. De Spínola a Goulart, tudo se passava como previsto, como em 1789 ou 1917.

Mas pela primeira vez, a Revolução era de pessoas. Amigos que eu chamava, angustiada, ao telefone. Crianças com quem eu cruzava o olhar nas ruas de Lisboa. Pessoas que eu amava, e que estavam em perigo. A revolução já não era um jogo, mas uma luta pela vida. Uma luta que obedecia à lei leninista de "estremar dos campos".

Deste formidável princípio de realidade, duas evidências sobressaem, para mim, com a mesma força.

Primeiro não é suficiente que o povo esteja armado para nunca mais ser vendido, não é suficiente que o povo já não queira viver como antes, é preciso ainda que ele tenha qualquer coisa a propor.

Dai decorria ainda, segundo uma lógica imparável, a "necessidade de uma direcção política", de um programa para combater a catástrofe iminente.

O "programa do COPCON" poderia ter desempenhado este papel ao voto de 75? Ou João Antunes teve razão em assenciar o fim do recuo? Cabe ao português decidir.

Desde esta época, costumo começar a interrogar-me sobre esta "lógica imparável". Seria certo que um "COPCON mais realista" teria permitido uma saída mais feliz (para as massas populares)? A resposta clássica: o Partido de ferro, expressão da vanguarda operária, teria talvez proposto uma saída. Muito militarista, provavelmente marxista, seguramente muito favorável à indústria pesada e muito hostil aos competentes e pequenos industriais do Norte.

Vinte anos passaram, e nos estes anos o feminismo e a ecologia rejeitaram os meios e os fins de uma revolução leninista. Já não acredito que hoje uma classe social, ligada a um modelo de desenvolvimento capitalista, tenha a capacidade necessária de inventar uma alternativa a este modelo. Já não acredito que os milhares de estudantes que vivem a realidade social possam ser envolvidos de um só golpe contando o só golpe do poder do estado. Acredito que a revolução violenta de um conflito não pode senão enganar a diversidade das aspirações populares, em vez de as unificar. Sembo com uma organização social progressiva em direcção a uma sociedade mais justa e ecológica, e para isso é preciso fugir do "extremar dos campos".

Mas venham as questões postas pelas revoluções verdadeiras, aquelas que agitam verdadeiramente uma ordem estabelecida: face à reacção, como nos surt e o que propõe?

Não esperar, para estudar a resposta, que o olhar dos tanques cuba os campos dos manifestantes, é talvez, o melhor forma de ser fiel ao 25 de Abril.